PROGNÓSTICO 1994/95 DA SAFRA

Quanto ao tipo de máquina colocado no mercado, fontes da indústria afirmam que a demanda se situa em dois extremos: máquinas de menor porte, que seriam absorvidas pelos pequenos estabelecimentos que até há pouco não utilizavam esse tipo de equipamento, e as máquinas de grande porte, destinadas a lavouras como a cana-de-açúcar, caso em que a rentabilidade proporcionada pela recuperação dos preços do açúcar no mercado mundial permite o reequipamento das explorações. Outra fonte de demanda por equipamentos de grande porte é a ampliação do plantio direto. Essa tecnologia requer máquinas mais potentes do que as usadas no método tradicional.

Quanto aos agrotóxicos, um quadro geral é sempre complexo. As informações disponíveis indicam que 1993 também foi um ano favorável e que o faturamento alcançado aumentou 18% no período janeiro-agosto 1994 (ver gráfico 5). Mas deve-se levar em conta que a demanda depende muito do surgimento de condições adversas: as pragas a serem combatidas. Contudo, melhorias dos preços recebidos pelos agricultores contribuem para a melhoria dos tratos fitossanitários, como ocorreu com o café, por exemplo, responsável em boa parte pelo aumento das vendas de fungicidas nos últimos 12 meses. Por outro lado, o fraco desempenho das vendas de antibrotantes (incluídos no item Outros) pode ser atribuído à redução na produção do fumo. Já as comparações intertemporais são sempre dificultadas pelo dinamismo da indústria, na qual sempre surgem novos produtos. Muitas vezes a maior eficiência do produto se reflete em preços mais elevados, porém compensados por um maior poder de combate às pragas.

A consolidação das tendências do mercado de insumos depende muito dos reflexos do Plano Real sobre a agricultura, em termos de um aumento da demanda por produtos agrícolas capaz de sustentar seus preços e portanto de permitir aos agricultores um melhor planejamento de suas aquisições. Nunca é demais recordar que a agricultura brasileira realizou nos últimos anos um intenso ajustamento, racionalizando gastos e aumentando a produtividade. Num quadro de estabilidade econômica, a oferta de alimentos e matérias-primas é fator indispensável à sustentação do crescimento econômico.

MARIA JOSÉ CYHLAR MONTEIRO

ALGODÃO

Produção maior em 1995

Poucas vezes o cotonicultor apresentou suas intenções de plantio com tanta firmeza e de modo consensual como agora, para a próxima safra da região Centro-Sul do país. O ótimo resultado econômico da safra 1993/94 foi o que mais influenciou a guinada na cultura, com a decisão, tomada em todos os estados, de aumentar em até 30% a área plantada. Haverá algumas oscilações, podendo o aumento ser maior em alguns estados e ligeiramente menor em outros.

Além de sentir-se estimulado pela alta dos preços nos mercados interno e externo, o agricultor considerou encorajadores os estímulos dados pelo governo através das medidas de política agrícola adotadas em meados de setembro. O preço mínimo cobre o custo de produção e o Valor Básico de Custeio está sendo considerado satisfatório, uma vez que terá limite de financiamento de 100%, tanto para míni e pequenos produtores, quanto para médios e grandes. As taxas de juros dos financiamentos do custeio ficarão em 6% ao ano sem TR para miniprodutores, 50% da TR mais juros de 6% ao ano para pequenos produtores e TR mais 11% ao ano para médios e grandes produtores.

Outro fator que também colaborou para o encorajamento foi o retorno da taxação das importações de algodão em pluma, com alíquota de 6%, a partir de 1995. Entretanto, esse procedimento do governo deverá interferir pouco no mercado, uma vez que as importações dos países do Mercosul, como o Paraguai e a Argentina, permanecem isentas de taxação.

No momento, cotonicultores e agricultores em geral vêm encontrando problemas para a realização do plantio de suas lavouras, devido basicamente à intensa e prolongada estiagem que afeta mais especificamente o Paraná, São Paulo e Mato Grosso do Sul, desde meados do ano.

Conforme dados da Organização das Cooperativas do Paraná (Ocepar), estão aumentando no estado, maior produtor, as vendas de sementes para a nova safra, cujo prazo de plantio se encerra dia 20 de outubro. A produção em caroço deverá chegar a 520 mil toneladas, com aumento de 25% em relação à safra passada. O maior crescimento da área plantada, que deverá chegar a 310 mil hec-

tares, é esperado em áreas onde houve grande erradicação de cafezais mais velhos.

Ainda segundo informações da Ocepar, no oeste do estado choveu, a umidade do solo normalizou-se e os agricultores puderam prepará-lo para fazer o plantio. Entretanto, mais ao norte de Maringá, próximo às cidades de Cornélio Procópio, Cambará, Jacarezinho e Santo Antônio da Platina, os produtores já prepararam a terra, mas como ainda permanecia um déficit hídrico, em razão das chuvas terem sido insuficientes para o umedecimento, ainda não se havia feito o plantio até meados de outubro.

Os problemas para a realização do plantio das lavouras têm sido basicamente provenientes da intensa e prolongada estiagem.

Na região de Cascavel, esperava-se um crescimento de área maior do que os 20% inicialmente projetados pela cooperativa local (Coopavel). A área total, agora prevista, deve ficar em 27 mil hectares, o que ainda é muito pouco em comparação com a safra 1990/91, quando a produção reduziu-se, dizimada pelo ataque do bicudo. Na atual safra, as perspectivas são de que haja maior rentabilidade, aliada à produtividade crescente, passando de 185 arrobas/ha para 210 arrobas/ha.

No estado de São Paulo, na região da Cooperativa de Araçatuba, a qual abrange 50 municípios do oeste paulista, a estimativa de aumento de área é de 30%, percentual que predomina no restante do estado, cuja área total deve chegar a 190 mil hectares. Os bons preços da safra passada, que atingiram US$7,5 a arroba, foram determinantes no incremento da área plantada para a próxima safra. O cotonicultor voltou a aplicar na cultura, investindo também em melhor adubagem e calagem.

O estado de Mato Grosso é o que terá maior expansão de área plantada, que deverá alcançar 147 mil hectares, com um aumento previsto de 33%. Com o plantio a ser iniciado em dezembro, utilizando sementes derivadas do cruzamento da "delta pine" com "acala" (trabalho elaborado pela Embrapa de Campina Grande), está-se tornando o estado mais promissor para a cultura no país. Ao contrário do Paraná, que tem apresentado queda de produtividade, clima instável e aumento do uso de fertilizantes, Mato Grosso possui clima quente, menor custo de produção e melhor qualidade do produto, além de não ser afetado por ataques do bicudo.

No que se refere aos problemas encontrados pelos agricultores para o plantio da nova safra, como a seca, verifica-se agora a falta de recursos para o custeio. O algodão, que tem sua época de plantio no Centro-Sul até o final do mês de outubro, encontra-se nessa situação, pois os produtores ficaram aguardando o início das chuvas para iniciarem o preparo do solo. Já foram liberados recursos para custeio de outros produtos, como o milho e o feijão, e são pequenas as perspectivas de que o governo libere elevadas quantias de recursos no mês de outubro. O Banco do Brasil, que é o principal agente financiador da safra, não está conseguindo atender à demanda por crédito, uma vez que, com o início das chuvas na região Centro-Oeste, devem aumentar os pedidos. O banco, juntamente com o governo, está procurando uma saída para contornar essa falta de recursos para o custeio da safra.

Atualmente, o consumo brasileiro situa-se em 830 mil toneladas de algodão em pluma, e a expectativa para a próxima safra é de que a produção seja de 600 mil toneladas. O complemento para suprir a demanda interna deverá ser atendido primeiramente pelas importações dos países do Mercosul e, não sendo suficiente, o algodão poderá vir dos EUA e da África. Neste ano, a China não deverá participar ativamente do mercado internacional, devido à escassez do produto naquele país. Temporariamente, as reformas de livre mercado no setor algodoeiro chinês foram adiadas e a falta de matéria-prima vem pressionando o governo a controlar a produção, distribuição e comercialização do algodão.

Brasil — balanço de oferta e demanda de algodão em pluma
(em 1.000t)

Ano/safra	Estoque inicial	Produção	Importação	Suprimento	Consumo	Exportação	Estoque passagem
1990	125,2	665,7	86,1	877,0	730,0	110,6	36,4
1991	36,4	717,0	105,9	859,3	718,1	124,3	16,9
1992	16,9	667,1	167,8	851,8	741,6	33,8	76,4
1993[1]	76,4	420,2	495,4	992,0	829,5	7,4	155,1
1994[2]	155,1	483,1	320,0	958,2	830,0	15,0	113,2

Fonte: Conab/Dipla.
[1] Dados preliminares.
[2] Projeção.

No que concerne às importações do produto vindas dos países do Mercosul, em grande destaque aparecem a Argentina e o Paraguai, cujas produções poderão ser incrementadas, uma vez que já superam o consumo interno. No caso do Paraguai, o produto ofertado deverá ser de qualidade superior ao da colheita passada, que foi de fibra curta, dificultando sua comercialização. A safra paraguaia anterior fora prejudicada pelas pragas decorrentes do plantio de sementes alternativas à "reba", que será novamente utilizada para a próxima semeadura. Cerca de 70% do plantio deverão ser feitos com esse tipo de semente, que é a mais antiga na cultura do algodão naquele país.

No mercado internacional, segundo dados do Comitê Consultivo Internacional do Algodão, durante o primeiro semestre do ano, as cotações do algodão apresentaram uma tendência ascendente, em face da intensificação da demanda na Europa e no leste da Ásia, ao passo que a produção mundial tem mostrado ligeira redução. Como conseqüência direta, os estoques mundiais reduziram-se, podendo alcançar um patamar relativamente baixo em relação à demanda.

Em meados do ano, verificou-se um aumento da produção global, mas não o suficiente para atender ao contínuo crescimento da demanda, o que vem sendo creditado à expectativa de desenvolvimento econômico mundial e, por outro lado, debitado a diversos tipos de doenças que deverão impedir o crescimento da área plantada em alguns países produtores.

As estimativas da produção mundial para a safra 1993/94 são de 16,6 milhões de toneladas, ou seja 20% a menos do que o recorde de 1991/92, que alcançou 20,8 milhões de toneladas. O consumo está projetado em 18,4 milhões de toneladas. Para as novas safras de 1994/95 e 1995/96, as estimativas apontam oferta de 18,2 milhões e 19 milhões de toneladas, respectivamente, e demanda correspondente de 19 milhões de toneladas e 19,5 milhões de toneladas.

O complemento para suprir a demanda interna deverá ser atendido primeiramente pelas importações dos países do Mercosul.

Este panorama de aumento maior da demanda em relação à produção e de gradativa redução dos estoques globais deverá causar uma elevação dos preços internacionais (índice Cotlook "A"), dos atuais US$0,57 por libra-peso para algo próximo a US$0,77 por libra-peso, conforme as previsões do CCIA.

VIRGINIA CARDOSO WANICK VIEIRA

MILHO

Milho — prognóstico de safra 1994/95

A produção brasileira de milho, em anos recentes, tem conseguido satisfazer a demanda até com certa folga, em virtude de alguns fatores extemporâneos. Estes fatores seriam, especialmente, o clima favorável registrado nos últimos três anos-safra e a consolidação da segunda safra (ou safrinha) como opção de cultivo de inverno. De uma forma um pouco diferente, mas também importante, o recente afastamento do governo das ações concernentes às importações do produto também teve efeitos benéficos sobre o mercado.

Tradicionalmente, falar-se em cultura do milho implica trazer à mente o quadro típico das lavouras de abastecimento interno: insuficiente apoio governamental, canais tortuosos de comercialização, pequeno porte do produtor e a conseqüente baixa utilização de tecnologia.

Por outro lado, é importante que não se deixe também de observar a imobilidade do governo no sentido de buscar diferenciar as características mercadológicas do milho. Afinal, um aspecto especialmente afeto a este grão contribui para distingui-lo de outras culturas direcionadas ao consumo interno, tais como o feijão, a mandioca e o arroz: seu consumo *in natura* por parte da população é baixo, o que faz com que, diferentemente do observado naqueles três outros produtos, praticamente inexista acompanhamento de seus preços na ponta do varejo. Por isso o aumento de suas cotações quando de uma eventual quebra de safra fica mascarado, na medida em que, para o grande público, é visível somente a elevação dos preços das carnes de pequenos e médios animais e dos ovos.

Assim, a situação do milho é não só *sui generis* devido a esses contrastes, como também delicada, pois hoje dele depende um gigantesco rebanho de suínos e aves de cor-